

Representações a partir do ensino: o livro didático e a construção discursiva sobre o Nordeste brasileiro¹

Vinícius da Silva COUTINHO²

Edielson Teixeira MOTA³

Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Juazeiro

RESUMO

O trabalho detalha o como a educação, em sua forma de comunicar conhecimentos por meio da construção imagética dos livros didáticos, construiu e constrói representações sobre a região Nordeste. Assim, utilizamos da revisão de literatura para embasar a escrita deste trabalho. As discussões se dão em torno da educação, com foco na educação contextualizada; do conceito de representações, a partir dos estudos culturais e, por fim, de como o Nordeste aparece nos livros didáticos. Preliminarmente, a pesquisa aponta que há uma conservação no discurso sobre a região, sendo retratada nos livros como um lugar rural, paralisado na história e sem muitas transformações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Representações; Semiárido; Livro didático; Nordeste.

INTRODUÇÃO

Este resumo expandido é fruto de discussões de duas dissertações de mestrado em andamento, em um programa que promove uma formação na área do ensino, atravessada pela contextualização dos conhecimentos e saberes escolares e das políticas educacionais inerentes aos territórios. As discussões propostas pelos componentes curriculares influenciam diretamente na abrangência dos processos educativos e comunicacionais, como também, nas concepções conceituais voltadas ao ambiente e às particularidades dos sujeitos, com olhar direcionado ao Semiárido Brasileiro (SAB).

Diante disso, este estudo busca entender como a educação, em sua forma de comunicar conhecimentos por meio da construção imagética dos livros didáticos, construiu e constrói representações sobre a região Nordeste.

Assim, utilizamos da Revisão de Literatura para embasar a escrita deste trabalho. Gil (2002) afirma que este tipo de pesquisa possibilita uma melhor construção e definição do quadro conceitual em estudo. Além disso, o levantamento bibliográfico foi realizado

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Semiárido, durante a programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, na Uneb; Especialista em Gestão de Marketing e Mídias Digitais pelo IESRSA; Jornalista pela Uespi; email: viniciuscoutinho96@gmail.com

³ Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, na Uneb; Pós-graduando em Educomunicação e Tecnologia; e Comunicação Política na Uninter; Jornalista pela Uespi; email: edielsonjornalista@gmail.com

utilizando autores que trazem discussões sobre as representações difundidas pelos livros didáticos nos últimos anos.

As discussões se dão em torno da educação, com foco na educação contextualizada; do conceito de representações, a partir dos estudos culturais e, por fim, de como o Nordeste aparece nos livros didáticos.

A Educação Contextualizada

Ao tratar sobre o campo da educação, Brandão (2002) parte do pressuposto de que nós aprendemos uns com os outros, representando uma forma distinta de educar, em contraposição à dominante. Para o autor, a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura.

São formas de saberes que atravessam as palavras de cada comunidade, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos das artes ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para se reinventar, todos os dias. Por isso, Brandão (2002) acredita que a origem da prática pedagógica se situa na própria realidade social, respeitando as diferenças e os valores.

Desse modo, há um viés preza que a cultura dos povos envolvidos está diretamente envolvida aos modos de aprendizagem, já que os saberes plurais são considerados, principalmente, tendo em vista a territorialidade. Assim, a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECCSAB), como definem Carvalho e Reis (2013, p. 01), é “uma proposta mobilizada e articulada como política pública de educação para as escolas do Semiárido brasileiro pela Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB)”.

Os autores destacam que essa rede foi criada em 2000 e tem procurado consolidar os fundamentos teórico-práticos da Educação Contextualizada enquanto novas formas de pensar e agir sobre o contexto escolar e sua teia de relações comunitárias, regionais e territoriais, vinculando as inflexões curriculares às formas de vida e às problemáticas existentes no Semiárido Brasileiro (Carvalho; Reis, 2013).

Nesse prisma, Carvalho e Reis (2013) entendem que, ao se dimensionar o Semiárido como o contexto da existência dos sertanejos e sertanejas, outra leitura de território emerge e possibilita visualizar a forte interação entre as dimensões materiais e imateriais que o atravessam e se manifestam na relação dessas gentes com sua natureza.

Nesse sentido, a educação baseada nos princípios da contextualização se manifesta em formato pós-colonial, propondo um rompimento das narrativas construídas na

modernidade, que visa(va)m a padronização e a neutralidade. Por isso, as práticas de educação decoloniais consistem na superação das estruturas de poder colonial que ainda persistem nas sociedades contemporâneas, criando barreiras que geram as desigualdades e estruturam os diferentes tipos de violências.

Por este motivo, os conhecimentos passam a emergir a partir de um reconhecimento crítico de que o colonialismo não é apenas um evento histórico, mas também uma matriz de opressão que continua a moldar as relações educacionais, sociais, comunicacionais, políticas, culturais e de ordem econômica.

Nesse cenário, uma das barreiras que tem interferido para a educação contextualizada efetivamente, no SAB, é a representação construída sobre esse território a partir dos livros didáticos. A seguir, é possível entender como o ensino, a partir dos livros didáticos, reforçou historicamente noções negativas sobre a região em questão e ajudou a consolidar uma representação estereotipada e dominante. A seguir, trabalhamos com o conceito de Representações e, em seguida, trazemos o ponto alto do trabalho com a discussão sobre as representações nos livros didáticos.

A construção de Representações

Nos Estudos Culturais, encabeçados por Stuart Hall, a discussão sobre representações se concentra nas culturas e seus atravessamentos com o poder, as identidades e as ideologias. Hall (2016) compreende que as representações são produzidas e consumidas em meio a um contexto de disputas por significados na sociedade. Assim, “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (Hall, 2016, p.31).

Segundo Moraes (2019, p.168), no campo dos Estudos Culturais, a cultura é entendida “como prática de significação e o mundo social concebido como construído discursivamente”. A autora detalha que estes estudos se constituíram como um projeto político de oposição e suas manifestações sempre foram acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante (Moraes, 2019, p.168).

Nesse sentido, preocupado em entender como as representações são utilizadas para sustentar ou desafiar relações de poder existentes na sociedade, Hall (2016) se concentra nas representações como produtos culturais e ideológicos, pois acredita que estes refletem e moldam as relações de poder, bem como as identidades individuais e coletivas.

Assim, Hall (2016) destaca que a linguagem está diretamente ligada ao processo de constituição das representações e da cultura.

A cultura é definida como um processo original e igualmente constitutivo, tão fundamental quanto a base econômica ou material para a configuração de sujeitos sociais e acontecimentos históricos e não uma mera reflexão sobre a realidade depois do acontecimento. A “linguagem” fornece, portanto, um modelo geral do funcionamento da cultura e da representação, especialmente na chamada abordagem semiótica, sendo esta o estudo ou a ciência dos signos e seu papel enquanto veículos de sentido numa cultura (Hall, 2016, p. 25-26).

Além disso, é o poder simbólico, para Hall (2016), que define as representações, ao marcar, atribuir e classificar; sendo um poder da expulsão ritualizada. Por isso, há um “regime de representação” em que as práticas representacionais e a estereotipagem são elementos-chave para a construção também de uma violência simbólica (p.193). Essa violência, ao tratarmos de Nordeste, fica escancarada com a chuva de discursos de ódio carregados de representações negativas que os nordestinos sofrem a partir das redes sociais e de forma mais sutil pelas imagens que são colocadas para representar a região nos livros didáticos como veremos adiante.

O livro didático e a construção imagética sobre o Nordeste

O livro didático é um dos mecanismos que orientam e materializam a educação formal. Apesar de ser um guia de conhecimento, o mesmo pode carregar uma série de simbologias, ligadas aos interesses de quem o produz e sobre os pensamentos arraigados acerca de determinados assuntos.

Como apontam Castro, Guimarães e Costa (2022, p.166), “o livro didático não é meramente um instrumento portador de conhecimentos; é, antes de tudo, um instrumento difusor de ideologias, estando, na atual sociedade capitalista estreitamente ligado à relação de poder”. Partindo desse pressuposto, os autores compreendem que o livro didático ainda carrega estereótipos e reforça preconceitos sobre a região Nordeste.

Ainda segundo os pesquisadores, o livro didático enquanto mercadoria integra-se à indústria cultural, a qual confere, por definição, a desqualificação de seus produtos, que transcendem todas as particularidades de cada objeto, reduzindo-os à sua forma mercantil. Por isso, o meio científico tem direcionado, nas últimas décadas, um olhar mais atento sobre as ideologias e ideias presentes nos livros didáticos e do seu uso em sala de aula (Castro, Guimarães e Costa, 2022, p.167).

Para sustentar esta vertente, Castro, Guimarães e Costa (2022, p.168) argumentam também que, “para que alguns conteúdos sejam incorporados ao currículo, outros são excluídos, ou seja, toda escolha implica uma exclusão, e esta exclusão pode ocultar conhecimentos relevantes e válidos [...]”. Assim, pode-se perceber uma estreita relação dos livros com a consolidação da imagem do Nordeste como uma região fadada ao fracasso e ao atraso.

Essas observações também são feitas por Silva (2018), que, ao analisar livros didáticos de Geografia, percebeu uma conservação no discurso sobre o Nordeste, tratado como um lugar paralisado na história e sem transformações sociais. Ao comparar as imagens introdutórias nos capítulos sobre as regiões, o autor destaca que estas sustentam, ainda mais, uma bipolarização entre urbano-rural, moderno-arcaico, popular-erudito, estático-dinâmico, sempre enquadrando o Nordeste de forma deslocada.

A análise das imagens das capas sobre os capítulos acerca do Nordeste permite concluir que a maior parte das coleções trabalham com representações de uma semântica que é rural, turística, com poucas conexões econômicas em escalas maiores, características culturais marcadas pela ruralidade. Das dez coleções analisadas, nove apresentaram a dimensão de representação imagética com mais vínculos com o passado do que com o presente (Silva, 2018, p.152).

Isso também fica nítido também nas análises de Castro, Guimarães e Costa (2022, p.169), ao evidenciarem que “os capítulos e atividades sobre a região Nordeste comumente estão vinculados aos problemas da seca, contribuindo para a ideia reducionista de que o Nordeste se resume a este fenômeno”. Estas narrativas contribuíram e contribuem para a construção de uma imagem homogênea da região, que é fruto justamente das imagens e enunciados presos à concepção do fenômeno enquanto fator determinante para a pobreza da região.

Nesse prisma, Silva (2018) revela também uma sutil mudança na retratação do Nordeste, tendo como foco a exposição de suas belezas naturais, principalmente ligadas aos litorais e seus pontos turísticos. Porém, o autor alerta que é necessário que outras imagens assumam os espaços nos livros, para que possam provocar novas representações de paisagem sobre a região. Principalmente, porque as imagens hegemônicas carregam muitos traços de um Nordeste que não é mais presente.

Já que as novas relações nas paisagens nordestinas revelam novas integrações de sua espacialidade na economia nacional e global, pensar em transformações no imaginário sobre o espaço nordestino requer um olhar atencioso e contextualizado, tanto por parte da educação

quanto dos meios de comunicação. Novos problemas, sobretudo ambientais, como as intervenções oriundas da produção das energias renováveis, os choques culturais, a urbanização do sertão e suas novas redes de circulação são partes de sua formação espacial estão entre discussões necessárias.

CONSIDERAÇÕES

A revisão de literatura demonstrou que boa parte das mudanças que aconteceram durante o percurso histórico da região Nordeste não foram atualizadas nos discursos apresentados em livros didáticos. Assim, temos um imaginário sobre a região, quase sempre relacionado ao atraso e à negatividade, com um viés ultrapassado e estereotipado com características que não lhe cabem.

As discussões do estudo apontam que há uma conservação no discurso sobre o Nordeste, sendo retratada nos livros didáticos, que são também uma forma de comunicação de conhecimentos e podem apresentar principalmente às crianças, a primeira versão textual e imagética sobre diversos temas, como é o caso das regiões brasileiras, em Geografia.

Por fim, o trabalho traz um alerta tanto para educação como para a comunicação, campos que constantemente constroem representações sociais, a partir dos enquadramentos adotados em cada narrativa. É essencial que haja um olhar mais atento e contextualizado às realidades plurais destes territórios.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.
- CARVALHO, Luzineide Dourado; REIS, Edmerson dos Santos. Educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro: fundamentos e práticas. In: **Caderno Multidisciplinar – Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro**, Ano 08, Nº07, Setembro de 2013 [pág. 23-40]. Juazeiro – Bahia: Selo Editorial Resab, 2013.
- CASTRO, Fabíola Lima; GUIMARÃES, Guilherme Lima; COSTA, Glauber Barros Alves. Os estereótipos e representações da região nordeste no livro didático de geografia. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**. V. 5, No. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/253581>. Acesso em 17 mar. 2024.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Editora Apicuri, Rio de Janeiro, 2016.
- SILVA, Fernando Ribeiro Costa. **Para além do homogêneo: A representação imagética da região Nordeste nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Geografia Humana - USP), São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-21052019-115104/pt-br.php>. Acesso em 18 mar. 2024.